

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS REALEZA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - PORTUGUÊS E ESPANHOL -  
LICENCIATURA**

**ANDRÉ FELIPE LIBARDE**

**A BAHIA DESNUDADA PELA PENA SATÍRICA DE GREGÓRIO DE MATOS**

**REALEZA**

2021

**ANDRÉ FELIPE LIBARDE**

**A BAHIA DESNUDADA PELA PENA SATÍRICA DE GREGÓRIO DE MATOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras -  
Português e Espanhol da Universidade Federal da  
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para  
obtenção do título de graduação.

Professor Dr. Saulo Gomes Thimóteo

**REALEZA**

2021

*Querem-me aqui todos mal  
mas eu quero mal a todos,  
eles, e eu por nossos modos  
nos pagamos tal por qual:  
E querendo eu mal a quantos  
me têm ódio tão veemente,  
o meu ódio é mais valente,  
pois sou só, e eles são tantos.*  
(MATOS, 1992, p.542)

# A BAHIA DESNUDADA PELA PENA SATÍRICA DE GREGÓRIO DE MATOS

André Felipe Libarde<sup>1</sup>

Saulo Gomes Thimóteo<sup>2</sup>

## RESUMO

Gregório de Matos, ao lado de Padre Antônio Vieira, é o principal representante da Literatura Barroca, do século XVII, no Brasil. Também, é considerado por muitos o primeiro poeta genuinamente brasileiro. Apesar disso, sua poesia permaneceu inédita até as primeiras décadas do século XX. Sendo assim, faz-se relevante o estudo acerca de sua obra, em questões literárias e históricas, pois o poeta baiano teve importante papel de cronista de uma nascente sociedade brasileira que já apresentava corrupção e vícios. Para isso, foram analisados dois poemas conceptistas do autor: “Contemplando nas cousas do mundo desde o seu retiro, lhe atira com seu apage, como quem a nado escapou da *tromenta*” e “Torna a definir o poeta os *maos* modos de obrar na governança da Bahia, principalmente naquela universal fome, que padecia a cidade”. Através de análise, vê-se que Gregório de Matos apresentou um painel crítico da sociedade baiana do século XVII, condenando o povo e instituições daquele período, demonstrando, com a Bahia como referência por ser o centro comercial e populacional do Brasil colônia à época, a imoralidade da incipiente nação brasileira, através de seus poemas.

Palavras-chave: Gregório de Matos. Literatura Barroca. Corrupção. Bahia. Brasil Colônia.

## RESUMEN

Gregório de Matos, junto al padre Antônio Vieira, es el principal representante de la Literatura Barroca, del siglo XVII, en Brasil. Además, está considerado por muchos como el primer poeta genuinamente brasileño. A pesar de ello, su poesía permaneció inédita hasta las primeras décadas del siglo XX. Así, el estudio de su obra es relevante, en cuestiones literarias e históricas, pues el poeta bahiano tuvo un papel importante como cronista de una naciente sociedad brasileña que ya tenía corrupción y vicios. Para ello, fueron analizados dos poemas conceptistas del autor: “Contemplando nas cousas do mundo desde o seu retiro, lhe atira com seu apage, como quem a nado escapou da *tromenta*” y “Torna a definir o poeta os *maos* modos de obrar na governança da Bahia, principalmente naquela universal

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras, Português e Espanhol - Licenciatura, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Realeza. E-mail: libardeandre@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Curso de Graduação em Letras, Português e Espanhol - Licenciatura, da UFFS, Campus Realeza. E-mail: saulo.thimoteo@uffs.edu.br

fome, que padecia a cidade”. Mediante este análisis, se puede apreciar que Gregório de Matos presentó una crítica de la sociedad bahiana del siglo XVII, condenando el pueblo e instituciones de ese período, demostrando, con Bahía como referencia por ser el centro comercial y poblacional del Brasil colonia en aquella época, el desarrollo moral de la naciente nación brasileña, por medio de sus poemas.

Palabras-clave: Gregório de Matos. Literatura Barroca. Corrupción. Bahia. Brasil Colonia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>10</b>
<b>3 ANÁLISE DE POEMAS</b>	<b>14</b>
3.1 MÉTRICA	14
3.2 ESTILÍSTICA	16
<b>4 A VELHACA BAHIA</b>	<b>19</b>
4.1 MOSTRA O PATIFE DA NOBREZA O MAPA: QUEM TEM MÃO DE AGARRAR, LIGEIRO TREPA	21
4.2 QUEM MENOS FALAR PODE, MAIS INCREPA	23
4.3 QUEM MAIS LIMPO SE FAZ, TEM MAIS CAREPA	24
4.4 E MAIS NÃO DIGO, PORQUE A MUSA TOPA	26
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>30</b>
<b>ANEXO A</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO B</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Filho de pai português e de mãe brasileira, Gregório de Matos e Guerra nasceu em 1636, em Salvador, Bahia. Principal representante do período Barroco no Brasil, o poeta cultista apresenta duas vertentes em seus escritos: satírica e sacra, dividindo-se entre a influência da Igreja Católica e a sedução pelo universo popular. Após ir a Portugal e permanecer por alguns anos para estudar, Gregório de Matos retorna à sua terra natal e, nesse período, participa ativamente da política local, desenvolvendo ainda mais seus poemas satíricos e sensuais, o que desagradava os poderosos, provocando sua deportação a Angola, de onde retornaria pouco antes de morrer.

A Literatura Barroca teve início no Brasil no século XVII, influenciada pelos movimentos europeus, tendo como correntes ideológicas o cultismo, que tinha como principal representante o espanhol Luís de Góngora, e o conceptismo, com o também espanhol Francisco de Quevedo. Conforme aponta Péricles Eugênio da Silva Ramos, no livro *Poesia Barrôca*:

O conceptismo era a face reversa do barroco espanhol, a que outro grande escritor Quevedo opôs a Góngora. Distinguiam-na o “conceito” e a concisão, procurando os conceptistas exprimir-se com o mínimo possível de palavras; os culteranos dirigiam-se aos sentidos, os conceptistas à inteligência, sendo os primeiros difíceis com as suas metáforas, os segundos com a própria expressão dos pensamentos, muitas vezes sutis e até pouco precisos. (RAMOS, 1967, p. 11).

Apesar de, ao longo da história, dividir-se o período Barroco no Brasil entre os expoentes máximo do padre Antônio Vieira na exemplificação do conceptismo (por se aprofundar no conceito e na preocupação com a compreensão do pensamento) e Gregório de Matos do cultismo (por se atentar às formas das palavras, às figuras de linguagem e à beleza da construção), pode-se considerar que o poeta baiano bebeu das duas fontes, pois, como cita Andréa Cesco, no primeiro capítulo do livro *Literatura Comparada* “abusa de figuras de linguagem; faz uso do estilo cultista e conceptista, através de jogos de palavras e raciocínios sutis, assim como Quevedo.” (CESCO, 2008, p.15).

Outra dualidade nas composições barrocas está presente nos temas escolhidos. Esse período literário dividiu-se entre o profano e o sagrado, influenciado pelos acontecimentos na Europa do século XVI, com a crise do movimento Renascentista (antropocentrista) e da Igreja Católica (teocentrista) em razão da Reforma Protestante. Nesse ambiente surge o Barroco, dividindo-se entre a fé e a razão. Tomado por esse contexto, Gregório de Matos utilizou-se dessas correntes e temas em suas composições, dividindo-se entre escritos sagrados e satíricos, entre o jogo de palavras (cultismo) e o jogo de ideias (conceptismo).

Em seus poemas satíricos, por exemplo, como ressalta Ana Miranda, no livro *Musa Praguejadora*, “[...] ninguém escapou a sua pena, desde a mais singela moça que lavava roupas na beira do rio à mais alta autoridade do governo colonial.” (MIRANDA, 2014, p. 509). Ali estavam expostas as mazelas de toda uma sociedade, com críticas ao poder legislativo, executivo, judiciário, o funcionalismo público, a Igreja, empresariado e o povo.

Ao contrário do que muitos estudiosos afirmavam até o século XIX, Gregório de Matos não fazia em seus poemas satíricos apenas críticas maldizentes e gratuitas, pois, sua obra “teve um objetivo social e moralizante” (TEIXEIRA, 1972, p. 92). Ainda assim, temendo que fosse alvo das críticas do poeta, boa parte do povo baiano (principalmente os poderosos) tinha inimizade com ele, como fica explícito no poema de didascália “Contra outros satirizados de várias penas que o atribuíram ao poeta, negando-lhe a capacidade de louvar” (MATOS, 1992, p.541-543), que consta, em trecho, na epígrafe deste artigo.

Isto posto, neste trabalho será analisada a sociedade da Bahia do século XVII através de poemas sociais de Gregório de Matos, mais especificamente, com foco sociológico acerca da imoralidade das mais diversas camadas sociais, amplamente apresentadas ao longo de suas obras. A sua motilidade entre as diferentes classes sociais “proveu de uma enorme riqueza e amplidão a sua obra, que penetra os costumes mais escondidos, fonte de uma história que não está em nenhum lugar a não ser em seus versos.” (MIRANDA, 2014, p. 508).

Gregório de Matos teve um grande papel descritivo e crítico da sociedade do século XVII, demonstrando-se de grande relevância literária e histórica. Em relação

a isso, em seus poemas satíricos, ácidos e críticos, será exposto como o poeta baiano retrata a conspurcada sociedade da época.

Compreende-se que Gregório de Matos relatou a velhacaria do século XVII na Bahia através das diversas camadas da sociedade, desde os políticos, juizes e frades, até os comerciantes, vizinhos, negros, índios e mulatos. Desta forma, o poeta seiscentista oferece um painel crítico da nascente sociedade brasileira, apresentando e condenando diversas figuras do Brasil, independente do poder econômico que detinham.

Sendo assim, pretende-se explorar neste artigo o surgente povo da Bahia colonial e seus vícios por meio de análises de poemas do autor baiano, demonstrando a atemporalidade acerca do debate sobre a imoralidade no Brasil.

Propõe-se averiguar o retrato da indecente sociedade da Bahia, desde os mais poderosos aos mais humildes, observar a construção social do século XVII e como o poeta ilustrou isso em sua obra, além de analisar a estética barroca presente em seus poemas.

Como aponta Fritz Teixeira de Salles, em seu livro *Poesia e Protesto em Gregório de Matos*, apesar do autor ser considerado o primeiro escritor genuinamente brasileiro, seus poemas permaneceram praticamente inéditos até o século XX, mais especificamente, até o ano de 1933, quando Afrânio Peixoto publicou o último volume das *Obras* (1975). Por essa razão e por conta das indefinições acerca da autoria de alguns de seus poemas, não há uma vasta bibliografia de estudos sobre a literatura do autor.

Isto posto, faz-se relevante a pesquisa do presente artigo em questões literárias e históricas, pois Gregório de Matos desempenhou importante papel de cronista através de seus poemas, caracterizando uma sociedade mergulhada nos vícios e escrevendo sobre um povo corrompido desde a sua formação.

Considerando o fato de, além de ser capital da Bahia, Salvador ser a capital do Brasil na época e principal fonte de comercialização com o exterior, através da cana-de-açúcar, pode-se considerar a cidade como base referencial para análise da incipiente sociedade brasileira. Como expõe Salles “A Bahia nesta época encarnava como que uma síntese da colônia, seu atraso, suas contradições, suas dificuldades, sua boemia, costumes livres, oportunismo e carreirismo”. (SALLES, 1975, p. 138).

Logo, tendo Bahia como referência, é possível explorar o Brasil colônia e suas mazelas expostas sem pudor por Gregório de Matos, possibilitando o conhecimento a respeito dessa etapa da história acerca dos desvios morais da nação.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A palavra “Barroco” apresenta duas possibilidades de origem. Há estudos que relatam que o termo é advindo do espanhol *Barrueco*, que designa uma pérola irregular, defeituosa. Outra possibilidade, provém da escolástica medieval, mais precisamente da palavra *baroco*, que significa um raciocínio sem sentido (LOURES; PEIXOTO, 2019). As duas possibilidades, porém, evidenciam aspectos do movimento e do contexto de recepção da época, já que o Barroco foi desprestigiado naquele momento e apresentou-se irregular pelas suas dualidades, como será visto a seguir.

A Literatura Barroca desenvolveu-se com força no século XVII, na Espanha, e, a partir daí, se apresentou em boa parte da Europa e posteriormente no Brasil. Naquele momento, o Velho Continente se confrontava com uma crise no movimento literário renascentista, de caráter antropocêntrico. Da mesma forma, vivenciava os efeitos da Reforma Protestante e da Contrarreforma. A primeira, liderada por Martinho Lutero no século XVI, lutava contra os abusos do clero, em especial com relação às indulgências. A segunda, caracterizou-se como um movimento da Igreja Católica em resposta à Reforma, com o objetivo de retomar o poder e a força do catolicismo no mundo (CARPEAUX, 1960).

Foi nesse contexto, com crises nos ideais antropocêntricos e teocêntricos que surge o Barroco, dividindo-se entre a fé e a razão, demonstrando, assim, características antitéticas, como relata Otto Maria Carpeaux, no livro *História da Literatura Ocidental*, expondo que essa escola literária apresenta “heroísmo exaltado e estoicismo melancólico, religiosidade mística ou hipócrita e sensualidade brutal ou dissimulada, representação solene e crueldade sádica, linguagem extremamente figurativa e naturalismo grosseiro.” (1960, p. 700).

No Brasil, o Barroco se difundiu em tempos distintos. Nas artes plásticas, esse movimento foi reconhecido tardiamente, apenas no século XVIII, tendo como

principal representante o escultor, entalhador e arquiteto mineiro, Aleijadinho. Na literatura, porém, o Barroco surge no decorrer do século XVII, tendo como base influenciadora a Espanha, com os autores Luís de Gôngora e Francisco de Quevedo.

Luís de Gôngora expressa a poesia cultista, constituída pelo jogo de palavras. Caracteriza-se pelo uso de símbolos puros; a utilização de neologismos latinos; o uso de hipérbatos e fórmulas duais.

A expressão metafórica dos poemas cultistas “é tão carregada de ornamentação, isto é, de imagens, que os inimigos de Góngora já a acusavam de vazia”. (RAMOS, 1967, p. 11). Por exemplo, a palavra “ouro” designa a todos os objetos que possuem a característica em comum de serem dourados: mel de abelha, cabelos de mulher, azeite. “Assim se originam na poética de Góngora estranhas séries nas quais elementos bem díspares ficam reunidos por uma só designação”. (RAMOS, 1967, p. 12). A antanáclase (quando uma única palavra é repetida ou usada em sentidos diferentes) é de comum uso nos jogos de palavras dos poemas cultistas.

Nos jogos de construção, utiliza-se constantemente o hipérbato<sup>3</sup>, como por exemplo, neste trecho de um poema sacro de Gregório de Matos: “Quem do mundo a mortal loucura... cura, / A vontade de Deus sagrada... agrada.” (MATOS, 1992, p.78). Apropriando-se da ordem direta (sujeito, verbo, complemento), os versos ficariam da seguinte forma: Quem cura a mortal loucura do mundo agrada a vontade sagrada de Deus. Há nesse poema, também, um exemplo de jogo estético com as palavras, ao ocorrer no final de cada verso um desmembramento entre a penúltima e última palavra, gerando sentido e construindo uma espécie de eco no final de cada verso, evocando badaladas de sino.

Na outra linha, Francisco de Quevedo expressa a poesia conceptista, constituída pelo seu jogo de ideias. Essa corrente literária procura economizar nas palavras e imagens, sem o brilhantismo cultista. Se satisfaz nas antíteses (palavras ou orações que se opõem quanto ao sentido) e paradoxos (também se fundamenta na oposição, mas, com um mesmo referente).

---

<sup>3</sup> Figura de linguagem característica por fazer inversões na ordem direta dos termos das frases. (SALLES, 1975).

Porém a influência de Quevedo na literatura barroca brasileira, principalmente para Gregório de Matos, não se limitaria somente à estrutura textual. O autor espanhol foi um grande compositor de sátiras, escrevendo textos líricos, morais e políticos.

Segundo Cesco:

Tanto Gregório quanto Quevedo também denunciam, atacam e condenam ferozmente vários tipos acusados de roubar, entre eles, os oficiais de justiça daquela época, que tanto abominam. Para ambos, os escrivães, meirinhos, juizes e advogados são corruptos, falsários e ladrões, uma corja de delinqüentes cuja palavra não tinha valor. (CESCO, 2008, p. 16)

O interesse de Gregório de Matos acerca de Gôngora e Quevedo iniciou-se quando ainda jovem, em Coimbra, Portugal, onde era estudante das leis, como diz Maria de Lourdes Teixeira, no livro *Gregório de Matos: Biografia e Estudo*:

sua leitura predileta em toda obra de Gôngora era sem dúvida o volume *As Soledades*, em cujas páginas se foi embebendo do cultismo então em voga. Companheiros inseparáveis seriam também os romances picarescos, a poesia satírica e burlesca de Quevedo. (1972, p.33)

Leituras essas que se tornariam de extrema importância para Gregório, pois ele foi uma síntese de ambos os autores espanhóis.

Ainda em Portugal, já formado, Gregório de Matos toma fama por seu trabalho com as leis, mas principalmente por seus primeiros passos na autoria de poemas satíricos, sendo que um deles custou sua saída de Portugal e retorno ao Brasil. Em 1667, o poeta baiano escreveu uma sátira ao provedor da Casa da Moeda, protegido do rei, Nicolau de Oliveira. Rapidamente, o poema intitulado “Marinículas”<sup>4</sup> (junção entre o termo pejorativo “marica”, que designa alguém com traços efeminados, com o nome “Nicolau”) passou a circular de mão em mão. Gregório perdeu o prestígio que tinha com o rei, e essa sátira, juntamente com o medo do rei de ser uma das vítimas do poeta, fizeram com que o seiscentista baiano fosse mandado de volta à

---

<sup>4</sup> “[...] Marinículas era muchacho / Tão grão rabaceiro de escumas e rim, / Que jamais para as toucas olhava, / Por achar nas calças melhor fraldelim. / Sendo já sumilher de cortina / De um sastre de barbas saiu aprendiz, / Dado só às lições de canudo/ Rapante da espécie de pica viril. [...]” (MATOS, 1990, p. 1223-1224).

sua terra natal, porém, com cargo garantido de vigário geral e tesoureiro-mor da Sé. (MIRANDA, 2014).

Em seu regresso à Bahia, o poeta participa com ênfase da vida política e faz críticas a todas as camadas da sociedade da época: “De nada e de ninguém se arreceiava. Desmistificava os figurões da administração, da clerezia, do comércio e do patriarcado do açúcar [...] Ninguém se eximia a essa regra. Do governador à negra mais desmoralizada.” (TEIXEIRA, 1972, p. 90). Como consequência disso, Gregório de Matos atraiu inimizades de muitas pessoas na Sé e na Relação Eclesiástica, principalmente em razão de suas sátiras a frades, o que ocasionou, mais tarde, a destituição de seu cargo, o levando assim ao declínio financeiro. (MIRANDA, 2014).

Além disso, o poeta foi obrigado a se exilar em algumas ocasiões por medo de represálias de governos autoritários, como nos de Antônio de Sousa de Meneses (Braço de Prata)<sup>5</sup> e de Câmara Coutinho (Tucano). O segundo citado foi quem trouxe maior desgraça à vida de Gregório de Matos.

Criando forte inimizade com o poeta baiano em razão de sátiras direcionadas a seu governo autoritário e a sua pessoa<sup>6</sup>, Câmara Coutinho, mesmo após deixar o governo da Bahia, intimou seu filho a executar Gregório de Matos, forçando o novo governador da Bahia e também amigo do poeta, João de Lancastre, a exilar Gregório em Angola, para salvar sua vida. (MIRANDA, 2014).

Gregório de Matos, porém, nunca mais pôde retornar à dual Bahia, tão amada e odiada<sup>7</sup>, o que fez com que o poeta passasse seus últimos anos de vida em Angola<sup>8</sup> e posteriormente em Pernambuco, triste e solitário.

---

<sup>5</sup> “Senhor Antão de Sousa de Meneses/ Quem sobe a alto lugar, que não merece/ Homem sobe, asno vai, burro parece [...]” (Gregório de Matos) (MIRANDA, 2014, p.290)

<sup>6</sup> [...] “Ora ide-vos co diabo,/ por um Tucano, um Fanchonho,/ um Sodoma, um vilão ruim.” [...] (MATOS, 2014, p. 249-252)

<sup>7</sup> [...] “Adeus Povo, Adeus Bahia,/digo, Canalha Infernal” [...] (Gregório de Matos) (DIMAS, 1981, p.28)

<sup>8</sup> [...] “Terra de gente oprimida,/monturo de Portugal,/para onde purga o seu mal” [...] (Gregório de Matos) (DIMAS, 1981, p.30)

### 3 ANÁLISE DE POEMAS

Nesta seção serão analisados aspectos estéticos da poesia de Gregório de Matos, com enfoque na apresentação da conspurcada sociedade baiana, utilizando-se, para tal, de dois de seus poemas críticos, sendo eles: “Contemplando nas *cousas* do mundo desde seu retiro, lhe atira com seu apage, como quem a nado escapou da *tromenta*<sup>9</sup>” (poema 1) e “Torna a definir o poeta os *maos* modos de obrar na governança da Bahia, principalmente naquela universal fome, que padecia a cidade<sup>10</sup>” (poema 2)

O primeiro poema, em forma de soneto, expõe frases breves com preceitos morais, censurando a hipocrisia e criticando pessoas trapaceiras e dissimuladas. Para isso, o poeta utiliza-se de um jogo de aliterações e rimas com as cinco vogais.

Diferente do primeiro, o segundo traz críticas diretas a grupos sociais, como a imoralidade nas atuações do comércio, da Igreja, da Justiça, da administração pública, entre outras instituições. Para isso, o autor seiscentista utiliza-se de um jogo de perguntas e respostas em eco na construção do poema.

#### 3.1 MÉTRICA

O poema 1 (anexo I), é um soneto decassílabo, com rimas interpoladas em ABBA ABBA CDE CDE, como evidenciado abaixo:

Nes/te/ mun/do é/ mais/ ri/co o/ que/ mais/ ra(pa); (A<sup>11</sup> - 10<sup>12</sup>)

Quem/ mais/ lim/po/ se/ faz/ tem/ mais/ ca/re(pa); (B - 10)

Com/ su/a/ lín/gua a o/ no/bre o/ vil/ de/ce(pa); (B - 10)

O/ ve/lha/co/ mai/or/ sem/pre/ tem/ ca(pa). (A - 10)

<sup>9</sup> (MATOS, 1992, p. 370)

<sup>10</sup> (MATOS, 1992, p.56-58)

<sup>11</sup> Simboliza o esquema rímico.

<sup>12</sup> Quantidade de sílabas poéticas.

Mos/tra o/ pa/ti/fe/ da/ no/bre/za o/ ma(**pa**); (A - 10)  
 Quem/ tem/ mão/ de a/gar/rar/ li/gei/ro/ tre(**pa**); (B - 10)  
 Quem/ me/nos/ fa/lar/ po/de/ mais/ in/cre(**pa**); (B - 10)  
 Quem/ di/nhei/ro/ ti/ver/ po/de/ ser/ Pa(**pa**.) (A - 10)

A/ flor/ bai/xa/ se in/cul/ca/ por/ Tu/li(**pa**;) (C - 10)  
 Ben/ga/la ho/je/ na/ mão/ on/tem/ gar/lo(**pa**;) (D - 10)  
 Mais/ i/sen/to/ se/ mos/tra o/ que/ mais/ chu(**pa**.) (E - 10)

Pa/ra a/ tro/pa/ do/ tra/po/ va/zo a/ tri(**pa**;) (C - 10)  
 e/ mais/ não/ di/go/ por/que a/ Mu/sa/ to(**pa**) (D - 10)  
 Em/ a/pa/ e/pa/ i/pa/ o/pa/ u/(**pa**.) (E - 10)<sup>13</sup>

O poema 2 (anexo II) é heterométrico: a cimalha de cada estrofe compõe-se por dez sílabas poéticas, enquanto o suporte contém sete. Além disso, o esquema rímico é o seguinte: ABC CDDC. A seguir, será exemplificado o exposto através de um trecho do poema:

[...]  
 Quais/ são/ os/ seus/ do/ces/ ob/je/tos/ pre(**tos**) (A - 10)  
 Tem/ ou/tros/ bens/ mais/ ma/ci/ços/ mes/ti(**ços**) (B - 10)  
 Quais/ des/tes/ lhe/ são/ mais/ gra/tos/ mu/la(**tos**). (C - 10)

Dou a/o/ de/mo os/ in/sen/sa(**tos**), (C - 7)  
 dou a/o/ de/mo a/ gen/te as/nal, (D - 7)  
 que es/ti/ma/ por/ ca/be/dal (D - 7)  
 Pre/tos/ mes/ti/ços/ mu/la(**tos**). (C - 7)

[...]  
 E/ que/ jus/ti/ça a/ res/guar/da/ bas/tar(**da**) (E - 10)  
 É/ grá/tis/ dis/tri/buí/da/ ven/di(**da**) (F - 10)  
 Quem/ tem/ que a/ to/dos/ as/sus/ta/ in/jus(**ta**). (G - 10)

---

<sup>13</sup> (MATOS, 1992, p. 370)

Va/lha/ nos/ Deus/ o/ que/ cus(**ta**), (G - 7)  
 o/ que el/ Rei/ nos/ dá/ de/ gra(**ça**), (H - 7)  
 que an/da a/ jus/ti/ça/ na/ pra(**ça**) (H - 7)  
 Bas/tar/da/ ven/di/da in/jus(**ta**). (G - 7)<sup>14</sup>

### 3.2 ESTILÍSTICA

Os poemas de Gregório de Matos, assim como os do barroco em geral, são apresentados por didascálias<sup>15</sup> muito extensas, que em ocasiões apresentam uma síntese do poema, mas, em sua maioria, explicam o contexto no qual se insere o texto lírico, como por exemplo, os poemas aqui analisados.

No primeiro poema

A labial 'p' anteposta a vogal 'a' em apa, epa, upa, opa, numa exploração ferina de opostos sonoros, entre consoante e vogal aberta, provoca verdadeira irradiação de sons que reproduz a intenção agressiva do texto em legítimo impacto fônico. Os sons – apa, epa, opa e upa sugerem uma série de pancadas que repercutem ao longo da leitura. A aliteração final encerra e fecha o movimento fônico desta admirável estrutura. Considere-se ainda a audácia da aliteração final, onde o verso se constitui praticamente de sons livres, por assim dizer, do discurso sintático. (SALLES, 1975, p. 125)

As camadas fônica e morfológica deste poema apresentam traços aliterativos e agressivos nas rimas que fazem texto, tema e conteúdo entrarem em sintonia.

Na poesia de Gregório de Matos, “São muitos os traços barrocos contraditórios [...] Do ponto de vista das figuras estilísticas [...] as hipérboles, anáforas, antíteses, hipérbatos, paranomásias”. (DIMAS, 1981, p. 98-99). No soneto 1, por exemplo, o 3º e 5º versos apresentam uma inversão nos termos das frases, caracterizando, assim, um hipérbato: “Com sua língua, ao nobre o vil decepa” e

<sup>14</sup> (MATOS, 1992, p. 56-58)

<sup>15</sup> Na Grécia Antiga, assim eram denominadas as instruções que os autores dramáticos davam aos atores antes de cada cena. Na Roma Antiga, porém, modelo em que o Barroco se inspirou, caracterizava-se por uma breve notícia, escrita no começo das peças teatrais, que informava o leitor a respeito das circunstâncias da representação.

“Mostra o patife da nobreza o mapa”. Apropriando-se da ordem direta dos termos, os versos seriam “o vil decepa ao nobre com sua língua” e “O patife mostra o mapa da nobreza”.

Duas figuras de linguagem utilizadas frequentemente no Barroco são a metonímia e a metáfora. Segundo Salles, a “metáfora=substituição por similaridade; metonímia=substituição por contiguidade” (SALLES, 1975, p. 64). Enquanto na metáfora uma palavra sofre transposição de um sentido para outro, a metonímia apresenta-se em processos de proximidade de sentido, em razão das palavras pertencerem ao mesmo campo semântico, diferentemente da metáfora.

A sinédoque é uma figura de linguagem derivada da metonímia, muito utilizada na poesia satírica de Gregório de Matos “[...] onde com um traço ligeiro, um detalhe pequeno, se focaliza o ridículo do personagem, pois a sinédoque é a figura em que o todo é caracterizado por um detalhe.” (SALLES, 1975, p. 83). O 10º verso, do poema 1, “Bengala hoje na mão, ontem garlopa;” é um exemplo de sinédoque, pois, como já citado, é uma figura de linguagem que expressa o todo pela parte e, no caso deste verso, a bengala é símbolo da fidalguia, e a garlopa<sup>16</sup> de trabalho braçal. Ou seja, aqui Gregório critica a soberba de pessoas que se esqueceram de onde vieram, que, se agora se fazem de bengalas, ontem eram meras garlopas.

Outra derivação da metonímia é a prosopopeia, que consiste em atribuir qualidades de seres animados a seres inanimados. O 9º verso, do soneto, “A flor baixa se inculca por tulipa;” é um exemplo, pois personifica as flores.

Além disso, esse soneto apresenta uma antítese, que se caracteriza pela aproximação entre opostos, no verso “Quem mais limpo se faz, tem mais carepa<sup>17</sup>”, ou seja, o que aparenta ser limpo é o que esconde mais sujeira.

O caráter sentencioso e moralista do poema se torna evidente através de sua dimensão aforismática, composta por versos de sentido independente que denunciam a imoralidade da sociedade da época, e que se encerram no verso “Para a tropa do trapo vazo a tripa”, formando uma aliteração e um verdadeiro trava-língua (DIMAS, 1981), em que o poeta oferece à tropa do trapo, que representa toda essa

---

<sup>16</sup> Ferramenta de marcenaria.

<sup>17</sup> Designação de caspa.

gente descrita, o que eles merecem, nada a mais ou a menos que seus excrementos.

Porém, o maior destaque do poema está acerca da aliteração que o poeta revive no último verso através de um processo de metalinguagem, criando nova aliteração em “apa, epa, ipa, opa, upa”. Este processo aliterativo de rimas “não só realiza uma solução fônica nova para a época, como também apresenta uma textura cujo o intuito agressivo se reflete em todo o conjunto morfológico” (SALLES, 1975, p. 92).

Diferentemente do soneto, o poema 2 utiliza de uma estrutura típica do barroco e muito usada por Gregório de Matos: o eco.

*El término eco cuenta con una larga tradición en la teoría métrica española desde finales del siglo XVI, asociado sobre todo a composiciones poéticas de carácter lúdico, experimental, satírico, incluso, y de forma particular, a determinados géneros, como el soneto. Esta especie de derivación de la rima interna se halla presente desde la poesía medieval de Juan del Encina, que ofreció el primer ejemplo castellano que documenta Navarro Tomás (1983: 223), pasando por momentos especialmente fructíferos, como el Barroco, en el que el gusto por el artificio poético le otorgó un mayor protagonismo junto a toda una serie de técnicas de elaboración más o menos atrevidas. (ARADRA SÁNCHEZ, 2015, p. 205)*

Apesar da maioria de seus poemas críticos surgirem através de inspirações em Quevedo, “O soneto em eco [...] usado por Gregório, encontra correspondência no uso que Góngora faz do estribilho nas suas chamadas **letrillas** satíricas” (SALLES, 1975, p. 45), como neste passo: “Dineros son calidad/verdad!/Más ama quien más suspira/Mentira!” (GÓNGORA, 1821, p. 214, grifo do autor).

O soneto em eco foi utilizado por vários autores, mas, em Gregório, aparece não só em forma de soneto, mas também, em diversas outras, como no Anexo II, por exemplo. Além disso, o poeta baiano utilizou diferentes formas existentes de poesia em eco. Uma delas, em que a última palavra de um verso se repete no início do verso seguinte, apresenta-se no poema de didascália “A N. Senhor Jesus Christo com Actos de Arrependido e Suspiros de Amor”<sup>18</sup>. Nesse caso, o autor barroco

---

<sup>18</sup> Ofendi-vos, meu Deus, bem é verdade,/ É verdade, meu Deus, que hei delinquido,/ Delinquido vos tenho, e ofendido,/ Ofendido vos tem minha maldade. Maldade, que encaminha à vaidade,/ Vaidade, que todo me há vencido,/Vencido quero ver-me, e arrependido,/ Arrependido a tanta enormidade. Arrependido estou de coração,/ De coração vos busco, dai-me os braços,/ Abraços, que me rendem

utiliza a 2ª, das 7 variedades existentes de poesia em eco, elencadas por Aradra Sánchez. No poema 2, porém, utiliza a 7ª. São elas:

[...]

2º. *Versos encadenados, en los que la última palabra se repite al principio del verso siguiente.*

[...]

7º. *Ecos propiamente dichos: la palabra formada por la sílaba o las sílabas repetidas es una respuesta a la pregunta continuada en el verso o versos precedentes, pero, a diferencia de las rimas en eco, esta palabra está fuera del verso. (2015, p. 217).*

A maledicência à sociedade baiana, nesse poema, é decomposta em conjuntos de 7 versos, em que se usa uma técnica comum do Barroco chamada de disseminação e recolhimento: “O poeta distribuía, disseminava as informações ao longo do poema para, mais tarde, no verso final, recolhê-las, de um só golpe.” (DIMAS, 1981, p. 15). Ou seja, o sétimo verso apresenta uma síntese das ideias lançadas nos três primeiros versos.

Além disso, esse texto traz em si a noção estilística do “**jogo**, muito corrente no Barroco [...] Por meio de falsas perguntas, para as quais o poeta oferece respostas, Gregório vai decompondo o interior da organização social.” (DIMAS, 1981, p. 15, grifo do autor). Perpassa o geral, ao criticar a sociedade baiana, o particular, ao mencionar instituições sociais específicas, o abstrato, ao revelar sentimentos, o concreto, ao expor as limitações da Câmara.

#### 4 A VELHACA BAHIA

Ao discorrer sobre os poemas críticos de Gregório de Matos, Alfredo Bosi diz que o poeta baiano sentia inveja dos poderosos: “O desejo de gozo e de riqueza são mascarados formalmente por uma retórica nobre e moralizante, mas afloram com toda brutalidade nas relações com as classes servis que delas saem mais aviltadas.” (BOSI, 1982, p. 41).

---

vossa luz. Luz, que claro me mostra a salvação,/ A salvação pretendo em tais abraços,/ Misericórdia, amor, Jesus, Jesus! (MATOS, 1992, p. 68)

Por outro lado, Ana Miranda disserta que o poeta não era um homem avarento, mas sim, íntegro:

o poeta teria dito ao prelado, diante da ameaça de perder seus cargos e privilégios, que não seria capaz de mentir nem mesmo em troca de todos os tesouros e dignidades do mundo [...] Nunca se apaixonou pelo dinheiro, como advogado patrocinava apenas ações cíveis, sendo inimigo feroz dos juristas que agiam apenas para juntar riquezas. Recusava clientes que lhe ofereciam um dinheiro considerável, preferindo amparar amigos em assuntos menores, passando por penosas adversidades. (MIRANDA, 2014, p. 513).

Certo é que

Se refratário ao Sistema ou por ele marginalizado, não importa. Importa é que essa incapacidade de adequação social fez de Gregório de Matos uma espécie de poeta maldito, sempre ágil na provocação, mas nem por isso indiferente à paixão humana ou religiosa, à natureza, à reflexão e, dado importante, às virtualidades poéticas de uma língua europeia recém-transplantada para os trópicos (DIMAS, 1981, p. 98).

Gregório de Matos retratou essa degradação dos valores morais da sociedade da Bahia do século XVII através de seus poemas conceptistas, expondo uma paródia da realidade brasileira à época:

G. M. imprime categoria literária ao linguajar popular e, ao mesmo tempo, toca em todos os temas básicos da vida política e social da Bahia de então. Esses temas foram: excesso de tributação; venalidade administrativa; carestia de vida; crise do açúcar ameaçado; abuso do poder judiciário; ineficácia da Câmara; prostituição generalizada; falsa nobreza; abuso do poder executivo. (SALLES, 1975, p. 139)

Nas próximas subseções, serão explorados os poemas 1 e 2, já mencionados e analisados anteriormente, em um viés de identificação das indecências denunciadas por Gregório de Matos. Por ser constituído de versos independentes e aforismáticos, em que o poeta baiano expõe, de forma geral, as corrupções de seu estado, as subseções seguintes trarão como subtítulos versos do poema 1, que serão relacionados de acordo com o que o poeta tece no poema 2, em que ele é mais específico, escrutinando as diferentes traços imorais da sociedade, traçando

um verdadeiro panorama da época, de um povo enredado na fome, exploração, ambição, hipocrisia, usura, injustiça e roubalheira.

#### 4.1 MOSTRA O PATIFE DA NOBREZA O MAPA: QUEM TEM MÃO DE AGARRAR, LIGEIRO TREPA

Os dois primeiros versos da segunda estrofe do poema 1, mencionados no subtítulo acima, dissertam a respeito da ambição e usura do povo baiano, ao retratarem que o patife mostra o caminho até a nobreza, e quem é ambicioso, acede e se aproveita. A respeito disso, Gregório destrincha algumas estrofes do poema 2, introduzindo aspectos negativos gerais da Bahia, expondo que lá se encontra um povo néscio e sandeu, que lá há usura, ambição, e que faltam verdade, honra e vergonha, evidenciando o desasseio daquele lugar, em que os interesses econômicos suprimem os valores éticos:

Que falta nesta cidade?.....Verdade  
 Que mais por sua desonra.....Honra  
 Falta mais que se lhe ponha.....Vergonha.

O demo a viver se exponha,  
 por mais que a fama a exalta,  
 numa cidade, onde falta  
 Verdade, Honra, Vergonha.

Quem a pôs neste socrócio?.....Negócio  
 Quem causa tal perdição?.....Ambição  
 E o maior desta loucura?.....Usura.

Notável desventura  
 de um povo néscio, e sandeu,  
 que não sabe, que o perdeu  
 Negócio, Ambição, Usura.<sup>19</sup>

Ao longo do poema 2 são expostas as carepas de comerciantes, das forças da guarda, da justiça, da Igreja e do governo. Contudo, as camadas populares são também representadas, em vários outros poemas deste autor, principalmente na figura das mulatas, com as quais o poeta descreve seus relacionamentos carnavais,

---

<sup>19</sup> (MATOS, 1992, p. 56)

seu ódio por aquelas que o recusaram e sua inconformidade com as prevaricações das que se relacionavam com frades.

Dado o exposto, na sequência do poema, o autor baiano começa a esquadriñar a sociedade e suas instituições, demonstrando as ações que justificam as críticas feitas acima:

Quais são os seus doces objetos?.....Pretos  
 Tem outros bens mais maciços?.....Mestiços  
 Quais destes lhe são mais gratos? .....Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,  
 dou ao demo a gente asnal,  
 que estima por cabedal  
 Pretos, Mestiços, Mulatos.

Quem faz os círios mesquinhos?.....Meirinhos  
 Quem faz as farinhas tardas?.....Guardas  
 Quem as tem nos aposentos?.....Sargentos.

Os círios lá vêm aos centos,  
 e a terra fica esfaimando,  
 porque os vão atravessando  
 Meirinhos, Guardas, Sargentos<sup>20</sup>

A primeira estrofe do trecho demonstra a ambição das pessoas da época, que estimavam negros e mulatos por cabedal:

[...] atividade que rendia altos lucros aos comerciantes baianos – pelo menos até 1850, quando o tráfico foi oficialmente abolido - era o comércio de escravos africanos [...] entre os anos de 1728 e 1748, por exemplo, segundo correspondência do Vice-Rei dom Luis Pedro Peregrino de Carvalho e Ataíde, cerca de 90.809 escravos tinham sido importados apenas pela Bahia, de acordo com os registros da Alfândega, a maioria do Daomé. (VAN HOLTHE, 2002, p. 82)

Ainda nesta estrofe, o satirista baiano critica as pessoas que comercializam negros, as chamando de “insensatas” e de “gente asnal”, por considerarem os escravizados como objetos geradores de riqueza.

No século XVII, a Bahia passava por grandes problemas econômicos resultantes da

[...] falta de moedas, a manutenção da frota comercial portuguesa, as revoltas indígenas, os ataques corsários e as invasões holandesas do

---

<sup>20</sup> (MATOS, 1992, p. 57)

século XVII, a descoberta do ouro nas províncias ao sul, as variações climáticas e as frequentes epidemias. (VAN HOLTHE, 2002, p. 190-191)

Além disso, a urbanização intensa, na época, causou uma diminuição na produção e um aumento no consumo e, juntamente com a epidemia de cólera, que afetou principalmente as pessoas escravizadas, a dificuldade na produção aumentou. Por essas razões, os preços de vários alimentos consumidos sofreram grande aumento, agravando mais ainda a situação econômica do local.

No suporte da quarta estrofe do poema, a segunda do último trecho citado, o poeta evidencia a ambição e a usura no ambiente dos negócios, escrevendo: “Os círios lá vêm aos centos,/ e a terra fica esfaimando,/ porque os vão atravessando/ Meirinhos, Guardas, Sargentos”<sup>21</sup>. Segundo Van Holthe (2002), os sírios eram instrumentos de palha usados para depositar farinha de mandioca, principal fonte de alimento da época, para ser transportada até a Bahia. O poeta continua, escrevendo que a população fica faminta, porque, segundo Teixeira (1972), haviam atravessadores mancomunados com meirinhos, guardas e sargentos, que confinavam alimentos para que, conseqüentemente, os preços dos produtos aumentassem.

[...] havia nesta cidade muitos regatões que atravessavam todas as mercadorias e mantimentos que vinham a esta cidade, o que era em grande prejuízo dos moradores dela, porquanto quando queriam ir comprar haviam de ir aos atravessadores, que lhes vendiam por excessivos preços (PMS, 1949a, p. 64, apud VAN HOLTHE, 2002, p. 196).

Assim, os inúmeros fatores, já mencionados, que causaram quebra na economia, somados aos que diminuíram a produção de alimentos e, mais ainda, a presença de atravessadores com abusivos preços, geraram, na Bahia, uma extensiva fome.

#### 4.2 QUEM MENOS FALAR PODE, MAIS INCREPA

O terceiro verso da segunda estrofe do poema 1, relata que as pessoas mais sujas são as que (mais) julgam. Os juízes, da justiça descrita por Gregório de Matos, no poema 2, são exemplos disso:

---

<sup>21</sup> (MATOS, 1992, p. 57)

E que justiça a resguarda? .....Bastarda  
 É grátis distribuída?.....Vendida  
 Quem tem, que a todos assusta?.....Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa,  
 o que EL-Rei nos dá de graça,  
 que anda a justiça na praça  
 Bastarda, Vendida, Injusta.<sup>22</sup>

Ana Miranda relata a revolta do poeta, que acusava os juízes de

[...] não examinarem os feitos, para forrar a consciência, e insolentes, descuidados, ou por preguiça, não reformavam as injustiças das sentenças. Juízes mentecaptos que, mesmo sabendo da jurisprudência, castigavam inocentes, mas em certos contratos absolviam a culpa de réus e suspendiam a pena através de uma interlocutória. Levados pela vil cobiça, vendiam a justiça, dando sentenças trapaceiras, e por muito bom dinheiro. O ministro, segundo o satirista, dava suporte a essas trapaças, em sua alçada, criando dilações, delongando em eternas compulsórias os processos, sem uma sentença final. (2014, p. 358)

Ao ver injustiças, roubos, ambição, incompetência de muitos e, até mesmo, a alta burocracia em seu meio de trabalho, Gregório de Matos foi se desinteressando, aos poucos, pela advocacia, e descarregando toda sua revolta em suas sátiras.<sup>23</sup>

#### 4.3 QUEM MAIS LIMPO SE FAZ, TEM MAIS CAREPA

O segundo verso da primeira estrofe do poema 1, que dá nome ao subtítulo acima, trata sobre pessoas dissimuladas, discorrendo que as que se fazem de mais honestas, na verdade, são as mais sujas. Com relação a isso, o autor baiano faz duras críticas a Santa Sé, a clerezia e, mais especificamente, aos frades, no poema 2, demonstrando a maior das hipocrisias, de uma instituição e de seus líderes que não agiam em comunhão com o que pregavam:

Que vai pela clerezia?.....Simonia  
 E pelo membros da Igreja?.....Inveja  
 Cuidei, que mais se lhe punha?.....Unha.

<sup>22</sup> (MATOS, 1992, p. 57)

<sup>23</sup> [...] Que Juízes mentecaptos/ sabendo jurisprudência/ castiguem uma inocência/ como fez Pôncio Pilatos:/ que para certos contratos/ o réu, que a si se condena/absolvam de culpa, e pena/ com uma interlocutória!/ Boa história./ Mas que outros com vozes mudas/ levados da vil cobiça/ vendam a mesma justiça,/ como a vendeu o mau Judas:/ que com razões tartamudas/ indo de mal em pior/ não dêem conta ao confessor/ da sentença trapaceira!/ Boa asneira. (MATOS, 1992, p. 375).

Sazonada caramunha!  
 enfim que na Santa Sé  
 o que se pratica, é  
 Simonia, Inveja, Unha.

E nos Frades há manqueiras?.....Freiras  
 Em que ocupam os serões?.....Sermões  
 Não se ocupam em disputas?.....Putas.

Com palavras dissolutas  
 me concluí na verdade,  
 que as lidas todas de um Frade  
 são Freiras, Sermões, e Putas.<sup>24</sup>

As duas estrofes acima expõem o lado mais ácido das críticas de Gregório de Matos, que retrata, na primeira estrofe, instituições religiosas de altos graus envolvidas em inveja, simonia<sup>25</sup> e unha<sup>26</sup>; enquanto na segunda, explora a devassidão dos frades.

As críticas supracitadas expõem o corrompimento e a hipocrisia da Igreja Católica, instituição de grande relevância no estabelecimento moral à sociedade da época, e que detinha grande poder:

[...] o poder estabelecido, no período colonial, promoveu um modelo de Catolicismo, conhecido como Cristandade. Nele, a Igreja era uma instituição subordinada ao Estado e a religião oficial funcionava como instrumento de dominação social, política e cultural. (AZEVEDO, 2004, p. 111)

Com suas críticas, Gregório de Matos se tornou inimigo da Santa Sé e da Relação Eclesiástica. Não demorou para que perdesse o cargo de Tesoureiro-mor da Sé, em 1683, e para que, dois anos depois, fosse denunciado como herege por eclesiásticos à Inquisição.

A seguir, um trecho da denúncia feita a respeito do poeta, destinada a Inquisição em Lisboa: “Nesta cidade vive um Bacharel chamado Gregório de Matos e Guerra [...] homem solto sem modo de cristão, e nas coisas pertencentes a este Tribunal fala com notável desprezo e notório escândalo”. (MIRANDA, 2014, p.330).

---

<sup>24</sup> (MATOS, 1992, p. 57-58).

<sup>25</sup> A simonia era uma prática comum, na Idade Média, da Igreja Católica, se caracterizando por conceder bens espirituais, materiais e sagrados, cargos eclesiásticos e bençãos em troca de dinheiro. Tal prática foi uma das razões que levaram Martinho Lutero a estabelecer a Reforma Protestante.

<sup>26</sup> Unha: roubo.

Este trecho evidencia que um dos motivos da denúncia é, claramente, as críticas feitas pelo autor baiano destinadas ao Tribunal do Santo Ofício:

É certo que essa denúncia cristalizou todos os ressentimentos e ódios em relação ao poeta, seguramente de clérigos e freiras contra os quais ele cunhou os apodos (frei Foderibus, frei Garrafa, frei Porraz, frei Sovela, frei Fodaz, frei Fustiga, frei Sarna, frei Pirtigo, frei Bertoeja, frei Jumento, frei Joanico, frei Fedor, soror Urtiga[...]) e aos quais ele endereçou poemas (apógrafos) relatando os seus 'amores freiráticos' e os ridicularizando - frades principalmente da Ordem de S. Francisco - como fornicários, fodinhões, ladrões, e colocando-os sempre em situações ridículas e escatológicas. (MIRANDA, 2014, p. 335)

A denúncia à Inquisição, porém, foi, em pouco tempo, arquivada, mas evidencia o poder e a repressão da Igreja Católica acerca de seus críticos, como Gregório de Matos.

#### 4.4 E MAIS NÃO DIGO, PORQUE A MUSA TOPA

Gregório de Matos deixa de atacar a desonestidade do povo baiano nas duas últimas estrofes do poema 2, traçando um panorama da situação de declínio econômico do local e criticando a ineficácia da Câmara a respeito disso:

O açúcar já se acabou?.....Baixou  
E o dinheiro se extinguiu?.....Subiu  
Logo já convalesceu?.....Morreu.

À Bahia aconteceu  
o que a um doente acontece,  
cai na cama, o mal lhe cresce,  
Baixou, Subiu, e Morreu.

A Câmara não acode?.....Não pode  
Pois não tem todo o poder?.....Não quer  
É que o governo convence?.....Não vence.

Quem haverá que tal pense,  
que uma Câmara tão nobre  
por ver-se mísera, e pobre  
Não pode, não quer, não vence<sup>27</sup>

Na época, em razão de contínuos ataques que naus comerciais de Portugal sofriam de navios corsários holandeses, a Coroa promulgou que todas as

---

<sup>27</sup> (MATOS, 1992, p. 58)

embarcações deveriam partir em frotas, criando-se, então, a prática de comboio, instaurando-se grandes frotas de navios mercantes, que eram protegidos por navios de guerra.

Este sistema, porém, 'fazia-se muito impopular no Brasil por serem as épocas de chegada e partida muito incertas, raramente coincidindo com a safra'. O resultado disto eram armazéns entupidos e produtos estragados, uma vez que o açúcar podia ficar 'muitas vezes dois anos à espera do embarque'. Com a perda na qualidade do açúcar brasileiro, até então insuperável, outros produtores passaram a disputar mercado com o Brasil, em especial os ingleses, com o seu açúcar produzido na Jamaica e em Barbados. (VAN HOLTHER, 2002, p. 91)

Ainda sobre isso:

[...] em 1669, o conhecido mercantilista Josiah Child, que assinala esse declínio, já pode afirmar que as cem ou cento e vinte mil caixas de açúcar transportados pelas frotas do Brasil se tinham reduzido a trinta mil, com o aumento da produção de Barbados: os mascavos e panelas brasileiros achavam-se, segundo a mesma fonte, eliminados, não só do mercado inglês, como de toda a Europa, ao passo que o branco ia sofrendo tamanha competição que os preços, em muitos casos, tinham baixado de mais de cinquenta por cento (HOLANDA 1993, p. 343-344, apud VAN HOLTHER, 2002, p. 91).

E assim se instaurou a crise econômica, descrita pelo poeta, advinda da comercialização açucareira: perda de qualidade pelo tempo excessivo em estoque, a diminuição nas vendas, a baixa do preço, o fim do dinheiro e, conseqüentemente, o declínio da Bahia.

## **5 CONCLUSÃO**

Através deste estudo, analisou-se a imoralidade da sociedade e instituições sociais na Bahia do século XVII através de poemas de Gregório de Matos, principal nome da literatura barroca no Brasil.

Primeiramente, apresentou-se o contexto de surgimento do movimento Barroco na Europa, com as crises teocêntricas e antropocêntricas, para, em seguida, discorrer sobre as duas principais correntes desse movimento literário, seus autores e a influência que tiveram na obra de Gregório de Matos: Cultismo, de

Luís de Góngora, e o Conceptismo, de Francisco de Quevedo e, em sequência, apresentar as características barrocas na obra do autor baiano e as consequências de suas críticas.

Posteriormente, foram analisados dois poemas críticos de Gregório de Matos: “Contemplando nas *cousas* do mundo desde seu retiro, lhe atira com seu apage, como quem a nado escapou da *tromenta*” e “Torna a definir o poeta os *maos* modos de obrar na governança da Bahia, principalmente naquela universal fome, que padecia a cidade”. Primeiramente, demonstrou-se o jogo estético barroco, da camada composicional e linguística, explorando a métrica e o estilo dos poemas.

Na subseção seguinte, tendo como base os mesmos poemas supracitados, o foco deu-se na camada temática e no conteúdo dos poemas, analisando, através de leituras a respeito da sociedade da época, a imoralidade da incipiente sociedade brasileira descrita por Gregório de Matos, que fez importante papel de cronista e expôs um panorama da sociedade colonial, descrevendo, nos poemas analisados, a ambição e crueldade de atravessadores e comerciantes de negros, a hipocrisia da Igreja e a devassidão de seus frades, os juízes injustos, a crise na economia açucareira e a incompetência da Câmara.

Analisar os poemas do “Boca do Inferno”, alcunha dada ao autor aqui estudado, além de desfrutar de sua genialidade na estruturação de seu jogo estético, é (re)conhecer um Brasil imoral desde suas origens, é perceber que a sujeira, principalmente no poder público, não começou nesse século, pois, na verdade, vem desde seu primeiro registro escrito na história, antes mesmo do Brasil ser Brasil, com Pero Vaz de Caminha pedindo favores ao rei, no final de sua histórica carta.

Conhecer a vertente conceptista de Gregório de Matos, é perceber, infelizmente, a atemporalidade de sua escrita, que descreve a usura, unha, ganância e hipocrisia de pessoas e de diferentes instituições movidas, principalmente, pelo dinheiro; é perceber a formação unilateral do Brasil, de ascensão social por meios ilícitos de uns, fome e extrema pobreza de outros e, em consequência disso, o seu desenvolvimento social tão desigual. E é nesse desequilíbrio que surgiu o “jeitinho brasileiro”, expressão famosa neste país, referente a uma forma malandra e amoral

de agir para sobreviver às dificuldades e às mazelas que enfrentam os mais aviltados, mantendo-se na informalidade e ignorando as leis.

Ler Gregório de Matos, é perceber o poder da poesia como ferramenta de denúncia, principalmente através de suas sátiras, que ridicularizam e rebaixam indivíduos e organizações de forma irreverente e ácida, demonstrando a sujeira por trás de uma fachada limpa.

## REFERÊNCIAS

ARADRA SÁNCHEZ, Rosa María. **Los Ritmos del Eco: Variaciones sobre la repetición**. Castilla: Estudios de Literatura, Valladolid, n. 6, p. 205-227, 2015. Disponível em: <http://uvadoc.uva.es/handle/10324/19880>. Acesso em: 27 ago. 2020.

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, p. 109-120, 2004. DOI:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000300009>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-40142004000300009&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-40142004000300009&script=sci_arttext). Acesso em: 23 de jan. 2021.

BOSI, Alfredo. Ecos do Barroco. *In*: BOSI, Alfredo. **Historia Concisa da Literatura Brasileira**. 2ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1982. cap. 2, p. 33-60. *E-book* (553 p.).

CARPEAUX, Otto-Maria. Parte V: Barroco e classicismo. *In*: CARPEAUX, Otto-Maria. **História da Literatura Ocidental**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1960.

CESCO, Andréa. O Barroco literário de Francisco de Quevedo e Gregório de Matos. *In*: CUNHA, João Manuel dos Santos (org.). **Literatura comparada: questões metodológicas e estratégicas críticas**, n.14. Pelotas: PREC, 2008, p. 13-22.

DIMAS, Antônio. **Gregório de Matos: literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981. 108 p. (3). Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Antônio Dimas.

MATOS, Gregório de. **Gregório de Matos: Obra Poética**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. 662 p. v. 2.

MATOS, Gregório de. **Gregório de Matos: Obra Poética**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. 670 p. v. 2.

MATOS, Gregório de. **Gregório de Matos: Poemas atribuídos**. [S. l.]: Autêntica, 2014. 544 p. v. 1. *E-book* (544 p.).

MIRANDA, Ana. **Musa Praguejadora: A vida de Gregório de Matos**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. 555 p.

LOURES, Camila Hallack; PEIXOTO, Raquel Ruff. **A Literatura barroca no Brasil**. v. 1, n. 1, p. 47-74, 2019.

QUEVEDO, Francisco de; GÓNGORA, Luís de. **Poesias escogidas de D. Francisco de Quevedo y de D. Luis de Góngora**. Paris, 1821.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (org.). **Poesia Barrôca: antologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 244 p.

SALLES, Fritz Teixeira de. **Poesia e Protesto em Gregório de Matos**. Minas Gerais: Interlivros, 1975. 202 p.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Gregório de Matos**: Biografia e Estudo. São Paulo: Martins, 1972. 173 p.

VAN HOLTHE, Jan Maurício Oliveira. **Quintais Urbanos de Salvador**: realidades, usos e vivências no século xix. 2002. 284 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

**ANEXO A - Contemplando nas *cousas* do mundo desde o seu retiro, lhe atira com seu apage, como quem a nado escapou da *tromenta***

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa;  
 Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;  
 Com sua língua ao nobre o vil decepa;  
 O velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa;  
 Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;  
 Quem menos falar pode, mais increpa:  
 Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por Tulipa;  
 Bengala hoje na mão, ontem garlopa;  
 Mais isento se mostra, o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa,  
 e mais não digo, porque a Musa topa  
 Em apa, epa, ipa, opa, upa.

**ANEXO B - Torna a definir o poeta os *maos* modos de obrar na governança da bahia, principalmente naquela universal fome, que padecia a cidade.**

Que falta nesta cidade?.....Verdade  
 Que mais por sua desonra.....Honra  
 Falta mais que se lhe ponha.....Vergonha.

O demo a viver se exponha,  
 por mais que a fama a exalta,  
 numa cidade, onde falta

Verdade, Honra, Vergonha.

Quem a pôs neste socrócio?.....Negócio  
 Quem causa tal perdição?.....Ambição  
 E o maior desta loucura?.....Usura.

Notável desventura  
 de um povo néscio, e sandeu,  
 que não sabe, que o perdeu  
 Negócio, Ambição, Usura.

Quais são os seus doces objetos?.....Pretos  
 Tem outros bens mais maciços?.....Mestiços  
 Quais destes lhe são mais gratos? .....Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,  
 dou ao demo a gente asnal,  
 que estima por cabedal  
 Pretos, Mestiços, Mulatos.

Quem faz os círios mesquinhos?.....Meirinhos  
 Quem faz as farinhas tardas?.....Guardas  
 Quem as tem nos aposentos?.....Sargentos.

Os círios lá vêm aos centos,  
 e a terra fica esfaimando,  
 porque os vão atravessando  
 Meirinhos, Guardas, Sargentos,

E que justiça a resguarda? .....Bastarda  
 É grátis distribuída?.....Vendida  
 Quem tem, que a todos assusta?.....Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa,  
 o que EL-Rei nos dá de graça,  
 que anda a justiça na praça  
 Bastarda, Vendida, Injusta.

Que vai pela clerezia?.....Simonia  
 E pelo membros da Igreja?.....Inveja  
 Cuidei, que mais se lhe punha?.....Unha.

Sazonada caramunha!  
enfim que na Santa Sé  
o que se pratica, é  
Simonia, Inveja, Unha.

E nos Frades há manqueiras?.....Freiras  
Em que ocupam os serões?.....Sermões  
Não se ocupam em disputas?.....Putas.

Com palavras dissolutas  
me concluí na verdade,  
que as lidas todas de um Frade  
são Freiras, Sermões, e Putas.

O açúcar já se acabou?.....Baixou  
E o dinheiro se extinguiu?.....Subiu  
Logo já convalesceu?.....Morreu.

À Bahia aconteceu  
o que a um doente acontece,  
cai na cama, o mal lhe cresce,  
Baixou, Subiu, e Morreu.

A Câmara não acode?.....Não pode  
Pois não tem todo o poder?.....Não quer  
É que o governo convence?.....Não vence.

Quem haverá que tal pense,  
que uma Câmara tão nobre  
por ver-se mísera, e pobre  
Não pode, não quer, não vence